

## LITERALMENTE NA *WEB*: EVIDÊNCIAS DA ATIVAÇÃO DA METAFORICIDADE EM MÍDIAS SOCIAIS

### LITERALLY ON THE WEB: SIGNALING THE ACTIVATION OF METAPHORICITY ON SOCIAL MEDIA

Dalby Dienstbach (FGV ECMI)<sup>1</sup>

**Resumo:** Inserido nos campos da linguística cognitiva (recentemente, EVANS, 2019) e, mais pontualmente, dos estudos da metáfora no discurso (SEMINO, 2008), este trabalho se ocupa de um aspecto particular relativo à nossa competência metafórica (LITTLEMORE; LOW, 2006), traduzido aqui na noção de metaforicidade. Partindo da definição de metaforicidade como a possibilidade de reconhecimento de uma metáfora como tal (DIENSTBACH, 2017), o objetivo deste trabalho é investigar a ativação da metaforicidade de expressões metafóricas em plataformas de mídia social. Para tanto, ele se debruça sobre um corpus de 1,5 mil memes – coletados por meio da ferramenta de monitoramento social *Crowdtangle* (Meta, Inc.) –, que contém ocorrências do advérbio “literalmente” (enquanto um recurso chave de metaforicidade), postados por perfis verificados na plataforma de rede social Instagram (Meta, Inc.), entre 1º de janeiro e 31 de agosto de 2022. Recorrendo aos conceitos de metáfora conceptual (LAKOFF, 1993), de metaforicidade (DIENSTBACH, 2017) e de desautomatização (KYRATZIS, 2003), procede-se, então, à identificação de expressões metafóricas (STEEN et al., 2010) e de eventuais marcas de explicitação dos respectivos mapeamentos (STEEN, 2004) nesse corpus. Resultados mostram que “literalmente” é frequentemente usado ao lado expressões não metafóricas; em alguns casos, inclusive, ele serve para reiterar a atualização de um significado básico de expressões cujo uso metafórico seria altamente convencional. Já a coocorrência desse advérbio com expressões metafóricas, embora menos comum, tende a provocar reações que sugerem algum acesso consciente ao mapeamento entre domínios que as sustenta, quer seja evocando elementos dos respectivos domínios-fonte, quer seja denunciando um suposto equívoco na escolha desse advérbio. De todo modo, ambas as circunstâncias permitem qualificar, em alguma medida, o advérbio “literalmente”, quando ocorre concomitantemente a uma metáfora, como sendo um forte candidato a recurso de ativação da sua metaforicidade.

**Palavras-chave:** metaforicidade; desautomatização; “literalmente”; mídias digitais.

**Abstract:** Within the fields of cognitive linguistics (recently, EVANS, 2019) and, more specifically, the study of metaphor in discourse (SEMINO, 2008), this paper addresses a particular aspect related to our metaphorical competence (LITTLEMORE; LOW, 2006), namely metaphoricity. Based on the definition of metaphoricity as the possibility of a metaphor being recognized as such (DIENSTBACH, 2017), our major objective is to investigate the activation of metaphoricity of metaphorical expressions on social media platforms. To do so, we look at a corpus of over 1.500 memes – collected via the social monitoring tool *CrowdTangle* (Meta, Inc.) –, which contain uses of the adverb “literally” (as a key activation device of metaphoricity), posted by verified profiles on the social media platform Instagram (Meta, Inc.), from January 1st to August 31st, 2022. By referring to the concepts of conceptual metaphor (LAKOFF, 1993), metaphoricity (DIENSTBACH, 2017), and deautomatization (KYRATZIS, 2003), we then carry out the identification of metaphorical expressions (STEEN et al., 2010), as well as occasional devices of explicitation of respective cross-domain mappings (STEEN, 2004) in the corpus. Results show that

<sup>1</sup> Doutor em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor Adjunto da Escola de Comunicação, Mídia e Informação da Fundação Getúlio Vargas (FGV ECMI). E-mail: dalbydienstbach@gmail.com.

“literally” is often used alongside non-metaphorical expressions; in some cases, this adverb is used to primarily reinforce the instantiation of basic meanings of expressions whose metaphorical meanings tend to be highly conventional. The co-occurrence of “literally” alongside metaphorical expressions, on the other hand, tend to entice comments that suggest some conscious processing of the cross-domain mapping underlying those expressions. These comments either evoke elements related to the respective source domains, or highlight a probable mistake regarding the very use of “literally”. In any cases, these circumstances allow accounting the adverb “literally”, when it occurs alongside metaphorical expressions, as a strong candidate for activation device of metaphoricity.

**Keywords:** metaphoricity; deautomatization; “literally”; social media.

## Introdução

Segundo uma matéria do canal de notícias BuzzFeed Brasil (CAPANEMA, 2016), na internet, em um dos episódios da segunda temporada do programa de culinária MasterChef Brasil, da rede Bandeirantes de televisão, foi possível ouvir de uma das participantes, enquanto preparava o seu prato, algo como “vou dar meu sangue, literalmente, nesse suflê”. Supondo que os espectadores do programa fossem proficientes em português (brasileiro), eles não devem ter tido qualquer dificuldade para compreender o significado dessa sentença (exatamente, da expressão “dar meu sangue”): a participante estava determinada a se dedicar com zelo à preparação do seu prato.

É bastante provável, ainda, que o uso do advérbio “literalmente”, na ocasião, tenha causado algum estranhamento nesses espectadores quanto ao real significado da expressão “dar meu sangue”<sup>2</sup>. Afinal de contas, uma acepção literal de “sangue” corresponde ao “líquido vermelho [...] que circula pelas artérias e veias do organismo de animais vertebrados” (WEISZFLOG, 2023); e esse não é, em princípio, um ingrediente habitual de um suflê – literalmente! Algo que parece ficar claro nesse caso, portanto, é que a expressão “dar meu sangue” somente poderia ser uma figura de linguagem; e que, além disso, o uso de “literalmente” deve ter sido fruto de um equívoco<sup>3</sup>.

O que parece ter acontecido na situação descrita acima, na verdade, é que, mais do que ter se equivocado na sua escolha de usar “literalmente”, a participante do programa pode ter lançado mão desse advérbio para intensificar o grau do seu empenho na preparação do suflê (VEREZA, 2007), sendo esse empenho instanciado pela expressão “dar meu sangue”. No entanto, algo que a participante provavelmente não previu é que, ao recorrer a “literalmente” para hiperbolizar o seu esforço, ela pode ter chamado a atenção de alguns espectadores para o fato de que a sua intenção de “dar meu sangue”, no caso particular do programa de culinária, não poderia acontecer literalmente – ou seja, somente poderia se tratar de uma metáfora.

Com base nesse episódio, este trabalho arrisca a hipótese de que determinados elementos do discurso seriam capazes de intervir no nosso processamento automático e inconsciente de expressões metafóricas convencionalizadas (STIBBE, 1995; KYRATZIS, 2003). Com isso, ele se compromete com o objetivo de investigar a ativação da metaforicidade – ou, ainda, da possibilidade de reconhecimento – de expressões metafóricas em interações que acontecem em plataformas de mídia social. Fazendo referência aos conceitos de metáfora conceptual (LAKOFF, 1993), de

---

<sup>2</sup> Uma reação do site *Errado literalmente* classificou a declaração da participante como “ousada”, pois ela estaria “disposta a inovar nas receitas usando o próprio sangue” (grifo nosso). Disponível em: <https://erradoliteralmente.tumblr.com/post/125312719151/vou-dar-o-sangue-aqui>. Acesso em: 28 abr. 2023.

<sup>3</sup> Na verdade, Vereza (2007) argumenta que, antes de constituir um equívoco, o advérbio “literalmente”, em muitos casos, tem o seu significado estendido para marcar intensidade – o que tende a contrariar o seu significado mais convencional, de algo como “sentido próprio” ou “ao pé da letra”.

metaforicidade (DIENSTBACH, 2017) e de desautomatização (KYRATZIS, 2003), este trabalho procede, então, à identificação de expressões metafóricas (STEEN et al., 2010) e de marcas de explicitação (enquanto indicativos de ativação de metaforicidade) dos respectivos mapeamentos (STEEN, 2004) em memes postados por perfis verificados do Instagram (Meta, Inc.).

## 1 Aporte teórico

Antes de oferecer uma explicação para o conceito de metaforicidade com que este trabalho opera, é importante comentar que esse conceito faz parte de uma corrente teórico-analítica – relativamente recente no campo dos estudos da linguagem – que se convencionou chamar de abordagem ou “teoria conceptual da metáfora” [*conceptual metaphor theory*] (LAKOFF, 1993, p. 43). Um dos principais corolários dessa abordagem diz que, antes de um mecanismo poético ou retórico – enfim, de uma figura de linguagem –, a metáfora constituiria um fenômeno elementar do pensamento. Para essa teoria, de fato, “a essência da metáfora é *compreender* ou *experienciar* uma coisa em termos de outra” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 48), e não somente falar sobre ela.

Um exemplo simples de metáfora, nesses moldes, se refere às nossas experiências e ao nosso entendimento de entidades intrinsecamente abstratas, tais como sentimentos, ideias, atividades e sistemas, dentre tantas outras. Em português (brasileiro), por exemplo, é bastante comum conceptualizarmos – ou seja, experienciar e compreendermos – a ECONOMIA de um país, que é uma atividade abstrata na sua essência, em termos de um ORGANISMO VIVO (CASTAÑO et al., 2014), que consiste em uma entidade concreta. Expressões como as que compõem as manchetes em (1) a (3), a seguir, parecem atestar a realidade (psicológica) dessa metáfora.

- (1) Votorantim busca crescer em países de moeda forte. (RIBEIRO, 2022)
- (2) Zelensky diz que a guerra está matando a economia da Ucrânia. (ZINETS, 2022)
- (3) Bitcoin registra alta saudável e pode atingir US\$ 100 mil. (ALVES, 2021)

Utilizamos palavras como “forte”, “saudável” e “matar” para nos referir – literalmente – à condição fisiológica dos seres vivos ou ao que pode acontecer com eles. Nas manchetes em (1) a (3), no entanto, essas palavras são usadas para predicar coisas que não possuem, de fato, qualquer compleição física: sistemas monetários e o conjunto de transações financeiras de um país. Apesar disso, não parece haver nada de errado com as manchetes, visto que elas continuam fazendo sentido. Nesse caso, o que se argumenta é que essas palavras estariam, na verdade, atualizando (ou, ainda, materializando) uma metáfora – justamente, ECONOMIA É UM ORGANISMO VIVO<sup>4</sup>.

Outro aspecto fundamental da metáfora, dentro da abordagem conceptual, se refere ao fato de que ela comporia um fenômeno elementar do nosso sistema conceptual básico, ou seja, que ela estaria “infiltrada na nossa vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 45). Exemplos claros – e bastante elementares – disso seriam as manchetes em (1) a (3), acima. Com base nisso, Lakoff e Johnson (2002 [1980]) sugerem que, no uso espontâneo da linguagem, produzimos e compreendemos metáforas o tempo todo; porém, sem nos darmos conta disso. Isso leva os autores (1980) a concluir que as metáforas seriam um fenômeno “inevitável, onipresente e, em geral, *inconsciente*”<sup>5</sup> (p. 272, tradução

<sup>4</sup> Este estudo atende a um hábito, no campo da linguística cognitiva, de se grafarem em caixa alta os conceitos e a proposição que representam uma metáfora (conceptual). Na proposição “A É B”, “B” equivale ao domínio de conhecimento mais concreto (convencionalmente, o domínio-fonte) cuja estrutura é parcialmente mapeada (ou projetada) para o domínio de conhecimento mais abstrato (isto é, o domínio-alvo), representado por “A”.

<sup>5</sup> [Metaphorical thought is unavoidable, ubiquitous, and mostly unconscious.]

nossa) do nosso pensamento e, portanto, do nosso uso da linguagem. Assume-se que esse deva ser o caso, justamente, das expressões metafóricas nas manchetes em (1) a (3), acima.

No entanto, existem circunstâncias – bastante particulares, deve se dizer – em que o uso de alguma metáfora, por algum motivo, não se dá de modo tão inconsciente como Lakoff e Johnson (2002 [1980]) alegam, e ela acaba caindo à luz do nosso processamento consciente. É justamente o que se deve ter acontecido no episódio narrado na introdução deste trabalho. Outro exemplo de como o processamento de uma metáfora – que, em princípio, deveria se dar de forma inconsciente – poderia acabar ficando evidente para quem a usasse se refere à expressão “dar seu coração” na sentença em (4). a seguir, atribuída à escritora Tatiane Bernardi<sup>6</sup>.

- (4) Se quer dar seu coração a alguém, faça o cadastro como doador de órgãos, compensa mais.

A expressão “dar seu coração” no adágio em (4) seria uma atualização de uma metáfora conceptual, segundo a qual SENTIMENTOS (nesse caso, o amor) seriam entendidos em termos de ENTIDADES físicas (ou seja, o coração) (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980]) – o qual, por sua vez, podemos segurar, guardar, entregar, quantificar etc. Essa expressão é relativamente convencionalizada em língua portuguesa (do Brasil, pelo menos) para significar, em princípio, que estamos dispostos a nos envolver afetivamente com alguém. Sendo assim, não seria absurdo supor que, em circunstâncias de uso espontâneo da linguagem, ela fosse usada de maneira automática, ou seja, sem chamar muito a nossa atenção sobre o fato de ela ser metafórica.

No entanto, quando consideramos o contexto sintático que incorpora essa expressão, em (4) – mais especificamente, a parte em que aparece o sintagma “doador de órgãos” –, pode se suspeitar que “dar seu coração” passe a chamar, em alguma medida, a nossa atenção sobre ela. O que se argumentaria aqui, a esse respeito, é que o sintagma “doador de órgãos” seria capaz de colocar em evidência a incongruência semântica por trás expressão “dar seu coração”, que passaria, a partir dele, a ter dois significados (conflitantes): um metafórico (amor) e outro literal (o órgão cardíaco).

A esse processo, em que uma expressão metafórica muito convencionalizada – que, por isso mesmo, seria usada de maneira automática – é, por algum motivo, colocada à luz do nosso processamento consciente, Kyratzis (2003) dá o nome de “desautomatização” [*deautomatization*] (p. 190). Ao escolher esse termo, o autor (KYRATZIS, 2003) dá conta, precisamente, da possibilidade de o uso dessa expressão deixar de ser automático e passar a chamar a nossa atenção sobre ela. Dienstbach (2018) acrescenta, a esse raciocínio, o pressuposto de que um elemento como “doador de órgãos”, em (4), se prestaria a ativar (ou, ainda, a aumentar) a metaforicidade da expressão “dar seu coração” naquela sentença. E, porque “doador de órgão” teria esse papel, Müller (2008) chama esse sintagma de “recurso de ativação de metaforicidade” [*activation device of metaphoricality*] (p. 190).

Nesse contexto, um ponto que se pretende estabelecer aqui é que o conceito de metaforicidade, enquanto um aspecto da nossa competência metafórica (LITTLEMORE; LOW, 2006), serve para traduzir a possibilidade de uma expressão metafórica, em circunstâncias de uso espontâneas, ser reconhecida pelo falante, por alguma razão e em alguma medida, como sendo uma metáfora – tal como acontece com as expressões “dar meu sangue” e “dar seu coração” discutidas anteriormente. Outro ponto diz, no final das contas, que essa possibilidade (ou, ainda, essa metaforicidade) seria viabilizada (ou ativada) por elementos presentes no seu contexto de uso – como, por exemplo, o advérbio “literalmente” e o sintagma “doador de órgãos”, respectivamente.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/ODgwNjkz/>. Acesso em: 28 abr. 2023.

## 2 Procedimentos metodológicos

O esforço metodológico deste estudo envolveu três etapas, que consistem em (i) a construção do corpus; (ii) a identificação de expressões metafóricas no corpus (STEEN et al., 2010); e (iii) a anotação de explicitação das metáforas conceituais identificadas no corpus (STEEN, 2004). Para a primeira etapa, este estudo recorreu à ferramenta de monitoramento social *Crowdtangle*<sup>7</sup> (Meta, Inc.), através da qual foram identificadas e coletadas 1.528 memes<sup>8</sup> em que ocorria o advérbio “literalmente”, postados por perfis verificados na plataforma de rede social Instagram<sup>9</sup> (Meta, Inc.) entre 1º de janeiro e 31 de agosto de 2022.

Em seguida, por meio de um procedimento de identificação de metáforas, o MIPVU<sup>10</sup> (STEEN et al., 2010), foi feito um levantamento dos textos em que ocorresse, concomitantemente ao advérbio “literalmente”, alguma expressão metafórica. Com o propósito de mitigar eventuais inconsistências no processo de identificação dos veículos metafóricos, esse instrumento estipula um conjunto de instruções tal como descritas em (a) a (d), a seguir (STEEN et al., 2010, tradução minha).

- (a) Examine o texto palavra por palavra;
- (b) Quando uma palavra estiver sendo usada indiretamente e esse uso puder ser explicado por algum tipo de mapeamento entre domínios de conhecimento, a partir de um significado mais básico<sup>11</sup> seu, marque essa palavra como sendo usada metaforicamente;
- (c) Quando uma palavra estiver sendo usada diretamente e esse uso puder ser explicado por algum tipo de mapeamento entre domínios de conhecimento relativo a um referente ou tópico mais básico do texto, marque a palavra como sendo uma metáfora direta;
- (d) Quando uma palavra for uma combinação inédita de palavras, analise cada palavra que a compõem conforme as instruções em (a) a (c).

Como forma de exemplificar a aplicação do instrumento proposto por Steen e colegas (2010), acompanhe-se a análise do adágio em (5), a seguir.

- (5) Manter a mente aberta é uma virtude. (SAGAN, 2006, p. 164)

Das unidades lexicais que integram a sentença em (5), pelo menos uma pode ser claramente identificada como sendo usada indiretamente, com base em um mapeamento entre domínios: “aberta”. O uso desse adjetivo, nesse contexto em particular, denotaria, em linhas gerais, as características de ser tolerante a novas ideias ou de não possuir preconceitos. Porém, um significado básico do verbo “abrir”, dentre outros, supõe “liberar abertura ou passagem, afastando ou removendo aquilo que fecha, veda ou tapa” (WEISZFLOG, 2023) – tal como se faz, por exemplo, com uma caixa. O significado de “aberta”, em (5), poderia ser explicado, então, como atualizando o mapeamento entre os domínios-fonte RECIPIENTE e alvo MENTE – e, colateralmente, entre os

<sup>7</sup> Disponível em: <https://apps.crowdtangle.com/>. Acesso em: 28 abr. 2023.

<sup>8</sup> Este trabalho adere à explicação de Shifman (2014) de que um meme equivaleria a um item digital contendo alguma piada, boato, imagem, vídeo etc. que é disseminado, copiado ou transformado de pessoa para pessoa através da internet.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/>. Acesso em: 28 abr. 2023.

<sup>10</sup> A sigla “MIPVU” equivale ao termo em língua inglesa “metaphor identification procedure Vrije Universiteit”, que faz referência à instituição do grupo de pesquisa responsável pelo instrumento, a Universidade Livre de Amsterdam.

<sup>11</sup> Por significado básico, entende-se o significado mais concreto, mais corpóreo, mais preciso ou mais antigo de um item lexical (PRAGGLEJAZ, 2009 [2007]). Pode se conhecer o sentido básico de um item lexical qualquer através de uma consulta simples em um dicionário geral da língua.

domínios-fonte IDEIA e alvo OBJETO (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980]) (o qual pode, nesse caso, ser colocado dentro da mente ou retirado de dentro dela).

Após a anotação das palavras usadas metaforicamente nos textos pertinente ao corpus deste estudo, a análise procede, por fim, à identificação, nos comentários a esses textos, de marcas de explicitação das respectivas metáforas conceituais (STEEN, 2004). A título de esclarecimento, Steen (2004) define explicitação como “se referindo à presença ou à ausência de alguma expressão diretamente relacionada ao tópico [isto é, à fonte] da metáfora presente na proposição que contém o foco [ou o alvo] dessa metáfora”<sup>12</sup> (p. 1300). Ou seja, em outras palavras, esta análise se lança à identificação de eventuais veículos derivados (ou, em alguma medida, associados) ao domínio-fonte dos mapeamentos metafóricos em questão. Esse procedimento pode ser ilustrado a partir da sentença em (6), a seguir, que dá continuidade ao axioma apresentado em (5).

- (6) Manter a mente aberta é uma virtude, mas [...] ela não pode ficar tão aberta a ponto de o cérebro cair para fora. (SAGAN, 2006, p. 164)

Com base na análise feita anteriormente, já se sabe que a expressão “mente aberta” constitui uma expressão metafórica – na medida em que atualiza os nossos entendimentos, de um lado, da MENTE como sendo um RECIPIENTE e, de outro, das nossas IDEIAS como sendo OBJETOS físicos. Vale se acrescentar, além disso, que essa é uma expressão bastante convencionalizada em língua portuguesa (do Brasil, pelo menos); de fato, uma acepção – já dicionarizada (WEISZFLOG, 2023) – do verbo “abrir” diz que ele pode significar a ação de “tornar [alguém] mais compreensivo ou receptivo”. E, porque “mente aberta” estaria convencionalizada em português, pode se presumir que o seu uso (sobretudo, espontâneo) deveria ocorrer de maneira automática e inconsciente, conforme explicações dadas por Lakoff e Johnson (1980).

No entanto, quando se analisa o contexto (sintático) que cerca a expressão “mente aberta”, em (6), identificam-se referências explícitas aos domínios-fonte dos mapeamentos metafóricos que a sustentam – especificamente, “cérebro” (enquanto um OBJETO físico, literalmente) e “cair para fora” (como algo que pode realmente acontecer com um RECIPIENTE). Essas referências, segundo Steen (2004), poderiam, de alguma forma e em alguma medida, desautomatizar o processamento de “mente aberta” e colocar o seu caráter metafórico (ou não literal) à luz da nossa consciência. Nesta análise, então, sinalizam-se as expressões “cérebro” e “cair para fora”, em (6), como sendo marcas de explicitação da metáfora conceptual que sustenta o uso de “mente aberta”.

### 3 Análise dos dados

Para além das metáforas identificadas no corpus deste estudo, bem como das eventuais marcas de desautomatização das respectivas expressões, é importante se comentar sobre postagens em que o advérbio “literalmente” coocorre com veículos não metafóricos. Em uma parte significativa dos textos analisados aqui, esse advérbio acompanha expressões que evocam um dos seus significados mais básicos. São exemplos evidentes disso as sentenças em (7) a (10), a seguir.

- (7) *O TADEU LITERALMENTE FALOU "ARTHUR NÃO PASSOU NEM PERTO DE SAIR".*<sup>13</sup>  
(8) *Jovem norte-americana descobre que é alérgica a água e até chorar, literalmente, dói*

<sup>12</sup> [Explicitness concerns the presence or absence of an explicit expression of the metaphor topic in the proposition containing the metaphor focus.]

<sup>13</sup> Os textos que compõem o corpus deste estudo estão reproduzidos *ipsis verbis*, isto é, com a grafia e a estrutura exatas das postagens originais.

- (9) *No Japão, você pode literalmente alugar uma namorada ou namorado para "apresentar" à família nos dias festivos.*
- (10) *na cidade Texarcana, nos EUA. Peixes de 10 a 12 cm começaram a cair do céu por alguns minutos, formando assim literalmente uma chuva de peixes.*

Nas sentenças reproduzidas em (7) a (10), acima, todas as expressões escoltadas por “literalmente” – pontualmente, “falou”, “chorar [...] dói”, “alugar uma namorada” e “chuva de peixes” – atualizam significados literais, sem qualquer indicativo de que estariam sustentadas por algum mapeamento entre domínios – tal como instruem Steen et al. (2010). Em (7), o advérbio serve somente para esclarecer que aquelas teriam sido exatamente as palavras ditas pelo sujeito da sentença. Já, em (8) a (10), “literalmente” se presta a assegurar a realidade concreta dos respectivos eventos e fenômenos descritos: no Japão, é possível se pagar para que uma pessoa atue como parceira romântica de alguém; a condição clínica de uma pessoa faz com que as suas lágrimas provoquem incômodo físico; e certas condições climáticas alçaram peixes ao alto e os lançaram novamente ao chão.

Um segundo ponto a respeito da análise do corpus, que interessa de maneira especial para este estudo, se refere a determinadas ocorrências de “literalmente” que também acompanham expressões literais, mas que, apesar disso, aludem a algo do seu caráter potencialmente metafórico. Em algumas postagens, a escolha por usar o advérbio parece refletir uma escolha deliberada<sup>14</sup> do seu autor para reiterar – ou, até mesmo, excluir quaisquer dúvidas sobre – o fato de as respectivas expressões atualizarem, na verdade, alguns dos seus significados mais básicos. É justamente isso que se observa, por exemplo, nas sentenças reproduzidas em (11) a (13), a seguir.

- (11) *Gusttavo Lima surpreende fãs e literalmente para o trânsito em plena Orla Norte.*
- (12) *Pesquisadores do Fórum Brasileiro de Segurança Pública alertam para o aumento "descontrolado" do número de armas e munição em circulação, incluindo as de alto poder destrutivo, como fuzis: "Preparam o país para um cenário literalmente explosivo"*
- (13) *NOVOS VENTOS, LITERALMENTE. Ventania toma conta da cidade na manhã e na tarde desta sexta-feira.*

A expressão “de parar o trânsito” com um significado metafórico – o qual denota algo como sendo “muito bonito, estonteante”<sup>15</sup> –, embora possa não constar em dicionários gerais, parece estar relativamente convencionalizada em língua portuguesa (a ponto, inclusive, de estar institucionalizada em algum lugar, cf. nota de rodapé 15). No entanto, esse não parece ser o significado evocado em (11): a postagem faz referência a uma notícia segundo a qual motoristas teriam realmente estacionado os seus veículos no ponto da estrada em que o cantor Gusttavo Lima participava de um evento religioso, no dia 21 de janeiro de 2022, em Porto Seguro (BA). Ou seja, o papel do advérbio “literalmente” ao lado da expressão “para[r] o trânsito”, naquela sentença em particular, seria o de reafirmar o seu significado básico ou, ainda, de descartar quaisquer possibilidades de ela ser interpretada como sendo metafórica.

O mesmo pode se especular a respeito do uso de “literalmente” nas sentenças em (12) e (13). Em geral, dizer que um dado cenário é “explosivo”, por exemplo, poderia significar, a partir de uma projeção metafórica, que ele se manifesta “de forma súbita e ruidosa” ou “de maneira intempestiva” (WEISZFLOG, 2023). Contudo, ao fazer referência explícita a um armamento

<sup>14</sup> Gibbs (2011) recomenda cautela na utilização do termo “deliberado” para se tratar das escolhas linguísticas do falante relativas ao uso de expressões metafóricas, visto que somente seria possível conhecer a real deliberalidade (ou, ainda, a real intencionalidade) desses usos se pudessemos interrogar aquele falante sobre as suas escolhas.

<sup>15</sup> Disponível em: <https://dicionariocriativo.com.br/expressoes/beleza/beleza/343-de-parar-transito>. Acesso em: 28 abr. 2023.

concreto – pontualmente, a “armas”, “munição” e “fuzis” –, a postagem em (12) sugere a possibilidade de ocorrerem explosões reais (e não metafóricas) em um dado contexto. De modo semelhante, a expressão “novos ventos” pode dar a entender, também metaforicamente, a atuação de alguma “influência que favorece ou prejudica” ou “fado, sorte” (WEISZFLOG, 2023). A menção, na sentença em (13), a uma “ventania” literal – prevista para assolar o Rio de Janeiro em 29 de julho de 2022 –, porém, acarretaria uma interpretação menos metafórica daquela expressão.

Em ambas as postagens em (12) e (13), a ocorrência do advérbio “literalmente” ao lado das expressões “cenário [...] explosivo” e “novos ventos”, respectivamente, se prestaria apenas a reforçar a instrução de que a sua interpretação deveria ser a menos metafórica possível. Afinal de contas, as respectivas sentenças tratariam de explosões e ventanias em sentido estrito. No entanto, a hipótese que se arrisca aqui, a esse respeito, é a de que os eventuais esforços para se empurrar a leitura dessas expressões para o seu significado mais básico acabariam, em alguma medida, chamando a atenção dos seus leitores para a existência de um possível significado metafórico seu. Em outras palavras, ainda que insista na literalidade das expressões “cenário [...] explosivo” e “novos ventos”, bem como de “para[r] o trânsito”, a ocorrência do advérbio “literalmente”, em (11) a (13), estaria operando como recurso de ativação de metaforicidade, na medida em que suscitaria, no leitor, a lembrança de que essas expressões, em outros contextos, poderiam atualizar alguma metáfora.

Seja como for, são as expressões metafóricas identificadas no corpus, bem como as marcas de explicitação dos mapeamentos entre domínios subjacentes a elas, que parecem proporcionar um entendimento mais claro da função de “literalmente” como recurso de ativação de metaforicidade. Um primeiro caso que se analisa, a esse respeito, seria o comentário em (14), a seguir.

(14) Postagem: *nova série mexicana da Netflix é erótica e tem roteiro literalmente quente*  
Comentário: *Literalmente... 🤖 Botam no forno o roteiro é?*

Em (14), a expressão “quente” é licenciada pelo nosso entendimento de INTENSIDADE – nesse caso, de emoções e sentimentos – como correspondendo à TEMPERATURA de algo [*INTENSITY OF ACTIVITY IS HEAT*] (GRADY, 1997, p. 290); nesse caso, portanto, quanto mais intensa é a emoção provocada pelo roteiro, mais calor o texto é capaz de gerar (metaforicamente). Em uma acepção já lexicalizada, “quente” pode significar algo “que demonstra ardor ou paixão” ou “que se caracteriza pela sensualidade” (WEISZFLOG, 2023); logo, supõe-se que o uso metafórico desse adjetivo, em um contexto espontâneo, não deveria causar qualquer estranhamento nos seus interlocutores. Contudo, um leitor da postagem em (14) questiona esse uso, fazendo referência a elementos do domínio-fonte da metáfora conceptual por trás dessa expressão – pontualmente, “botar [o roteiro] no *forno*” –, o que sugere que ele teria acessado algum significado básico de “quente” (ou seja, o seu significado de “temperatura elevada”).

Em outro exemplo – pontualmente, na sentença em (15), a seguir –, identifica-se a expressão “montanha russa” como sendo uma atualização da metáfora conceptual A VIDA É UMA VIAGEM (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980]), segundo a qual o decorrer da nossa existência seria conceptualizado em termos do CAMINHO que percorremos para chegar a algum lugar. Esse caminho, nesse caso em particular, se refere ao percurso de um brinquedo de parque de diversão. A esse respeito, ainda, outro mapeamento que também participa da construção do significado da expressão “montanha russa” equivale à metáfora BOM É PARA CIMA (LAKOFF; JOHNSON, 2022 [1980]), que decorre do nosso entendimento de que, por exemplo, quando estamos nos sentindo bem e felizes, nosso corpo tende a estar ereto, com a cabeça erguida; em caso contrário, ficamos “para baixo”. Com base nessas duas metáforas, então, é possível se presumir a série de

deleites, adversidades e outras eventualidades vividas pelo enunciador de (15) a partir do trajeto – pouco linear, diga-se de passagem – dos trilhos de uma montanha-russa.

(15) Postagem: *muito engraçado olhar foto antiga e pensar "meu deus eu nem imaginava oq estava por vir" esse meu último ano foi literalmente uma montanha russa*

Comentário1: *Montanha russa que só sobe né 😊*

Comentário2: *Uma montanha russa mesmo tava no alto depois foi cancelada no BBB*

Comentário3: *Montanha russa é minha vida, nem se quer subiu kkkkk*

Comentário4: *Uma montanha russa direto pro inferno kkkkk (ela quem disse hein 🤔)*

Chama-se a atenção para quatro dos comentários que respondem à postagem em (15), acima, os quais sugerem que seus autores podem, em alguma medida, ter acessado (conscientemente) algo do mapeamento entre os domínios que sustenta a respectiva expressão metafórica. Em três desses comentários, a ocorrência das expressões “que só sobe”, “tava no alto” e “nem se quer [sic] subiu”, a depender das circunstâncias, poderiam evocar explicitamente elementos do domínio-fonte da metáfora BOM É PARA CIMA. De fato, essas expressões parecem desencadear, ainda, outro mecanismo interveniente no processamento (in)consciente de metáforas, o qual Steen (2022, p. 201) traduz na noção de “complexidade” [*complexity*]. Em linhas gerais, a complexidade de uma metáfora diz respeito à ocorrência de “mais de uma palavra usada metaforicamente no interior do enunciado”<sup>16</sup> (STEEN, 2002, p. 201) – o que teria um efeito positivo sobre a possibilidade de ela ser reconhecida (como tal), isto é, poderia ativar a sua metaforicidade.

Em um dos comentários à postagem em (15), além disso, reconhece-se que a construção do significado de “montanha russa” se realiza não apenas através de metáforas conceptuais – mais especificamente, A VIDA É UMA VIAGEM e BOM É PARA CIMA –, mas, também e sobretudo, por meio de uma projeção metonímica<sup>17</sup>. A partir dessa metonímia, especificamente, o domínio-alvo RUIM – já conceptualizado metaforicamente como sendo PARA BAIXO – é acessado (nesse caso, metonimicamente) por meio do veículo “inferno”, o qual, de acordo com a tradição cristã, estaria abaixo de nós<sup>18</sup>. Logo, para que a explicitação de parte do significado metafórico mobilizado por “montanha russa”, em (15), possa acontecer, é necessário que a forma como o cristianismo entende o inferno – pelo menos, onde ele se encontra – também precisa ser evocado.

Na postagem em (16), reproduzido a seguir, sinaliza-se, por sua vez, a expressão “perdendo o brilho” – ao lado do advérbio “literalmente”, diga-se de passagem – como sendo licenciada pelo nosso entendimento do caráter BOM de algo em termos de CLARIDADE [*GOOD IS BRIGHT*] (GRADY, 1997). A acepção (já dicionarizada) daquele substantivo, que denota algo como “vigor, entusiasmo com que transcorre uma atividade; alegria, expressividade, vivacidade” (WEISZFLOG, 2023), permite se supor que o seu significado metafórico poderia, em princípio, ser processado de maneira automática e inconsciente. No entanto, a ocorrência das expressões “cor” e “fosco” em um dos comentários à postagem – as quais orientam, de maneira imediata, a nossa atenção para o domínio-fonte por trás da metáfora BOM É CLARO – sugere que o seu processamento, em algum momento, possa ter sido colocado à luz da consciência de algum dos seus leitores, resultando na ativação da metaforicidade de “brilho” em (16).

<sup>16</sup> [Metaphor complexity: more than one metaphorically used word within an utterance has a positive effect on recognisability].

<sup>17</sup> Em uma explicação relativamente consensual no campo da linguística cognitiva, Radden e Kövecses (1999) definem metonímia como sendo um processo cognitivo em que um componente conceptual (o veículo) permite se acessar mentalmente outro componente conceptual (o alvo) no interior de um mesmo modelo cognitivo.

<sup>18</sup> Nas narrativas religiosas cristãs (BÍBLIA, Provérbios, 15-24), lê-se que, “para o sábio, o caminho da vida é para cima, para que ele se desvie do inferno, que está embaixo”.

- (16) Postagem: *o fim do semestre deixa a gente tão abatido, as pessoas literalmente vão perdendo o brilho com o passar do semestre, estamos todos zombies vindo pra universidade e fazendo prova*  
Comentário: *nova cor desbloqueada “universitário fosco”*

Outro exemplo de ativação da metaforicidade nos textos que compõem o corpus deste estudo pode ser observado em um comentário à postagem reproduzida em (17), a seguir.

- (17) Postagem: *não podem falar do Marmita estragada que logo vem a vontade de dar saltos LITERALMENTE quânticos de alegria*  
Comentário: *a pessoa foi atingida por uma luz e ficou mais distante do núcleo.*

A expressão “saltos quânticos”, em (17), seria uma atualização de, pelo menos, duas metáforas conceptuais sobrepostas. A primeira corresponderia ao nosso entendimento (já detalhado) de BOM É PARA CIMA; no caso específico dessa expressão, portanto, a satisfação experienciada na ocasião descrita pela postagem estaria conceptualizada em termos do movimento de elevação do corpo (afastando-se do chão, por exemplo). Já a segunda metáfora diz respeito à intensidade dessa alegria e está traduzida na proposição GRAU É DISTÂNCIA [DEGREE IS DISTANCE] (GRADY, 1997). De fato, o termo quantum, pertinente ao campo dos estudos da física, é “empregado para designar uma quantidade ou uma quantia indeterminada” de algo (WEISZFLOG, 2023); logo, a qualidade da alegria que consta da sentença em (17) deveria ser tão desmedida quanto a distância entre o corpo e o chão durante um salto quântico que – apenas metaforicamente – alguém pudesse dar.

O termo “quântico” tem ganhado bastante popularidade neste início do século XXI, sendo aplicado em diversos domínios discursivos que não somente o do campo dos estudos da física – ou sequer do território das ciências (LAPOLA, 2022). Poderia se suspeitar, portanto, que ele já estaria relativamente convencionalizado em algum vernáculo popular e que, desse modo, seu uso em expressões como “saltos quânticos” seria processado de maneira automática. O comentário à postagem reproduzida em (17), contudo, parece apontar para uma direção diferente. A menção a palavras como “luz” e “núcleo” – relativas ao domínio-fonte nas bases dessa metáfora –, por exemplo, sugere que leitores dessa sentença podem ter acessado, em alguma medida, o mapeamento que concorre para a estrutura semântica daquela expressão metafórica. Isso poderia sinalizar, por fim, a eventual ativação da metaforicidade de “saltos quânticos” em (17).

Outros dois exemplos, ainda, denunciam algum processamento consciente de expressões metafóricas presente no corpus deste estudo e, dessa forma, reiteram o papel de “literalmente” enquanto um recurso de ativação de metaforicidade. Na sentença em (18), a seguir, a expressão “útero que se exploda” parece atualizar o nosso entendimento do nosso próprio CORPO em termos de uma CONSTRUÇÃO (SØRENSEN, 2000). No caso dessa expressão, em particular, deve se supor que o efeito colateral daquele medicamento sobre o útero seria proporcional às consequências de uma explosão em, por exemplo, um edifício (ou em parte dele). Axiomas clássicos como “vós que sois o templo de Deus” (BÍBLIA, 1 Coríntios, 3: 16.) ou “o corpo é a prisão da alma” (PLATÃO, c. 387 a.C.) permitem se presumir, aliás, que a metáfora do CORPO enquanto CONSTRUÇÃO poderia já estar bastante convencionalizada e que, portanto, o seu uso tenderia a acontecer, em circunstâncias triviais, de maneira automática e inconsciente.

- (18) Postagem: *“ninguém romantiza pílula do dia seguinte” eles disseram: Eu uso DLA D, o útero que se exploda, literalmente 🤔🤔🤔🤔*  
Comentário: *Destraindo o útero e a gramática. Não tem nada de Hilário nisso.*

O comentário em (18), no entanto, que diz que a atitude da autora da postagem estaria “destruindo o útero”, daria alguma pista de que o processamento de “útero que se exploda”, tal como aparece na respectiva postagem, pode não ter sido tão automático quanto se suporia. Não seria absurdo se argumentar, nesse caso, que a ocorrência do advérbio “literalmente” tenha tido alguma participação nesse processo de desautomatização. A glosa de que o uso do advérbio também estaria “destruindo [...] a gramática” – metaforicamente, é claro – corrobora essa hipótese. Algo semelhante acontece em outro exemplo, reproduzido em (19), a seguir. A expressão “livrada da morte por um fio” atualiza a metáfora conceptual A VIDA É UM OBJETO (SZWEDEK, 2011), o qual podemos, por exemplo, possuir, ganhar, perder etc. Quando se diz, então, que a vida (de alguém) teria sido salva “por um fio”, pode se querer dar a entender, por exemplo, que ela teria ficado suspensa por um cordão ou uma linha – frágeis demais, a ponto de quase se romperem por conta do suposto peso da morte –, evitando-se, dessa forma, que a vida despencasse (metaforicamente).

(19) Postagem: *um livramento/ milagre pra uma pessoa famosa que será livrada da morte por um fio “literalmente”*

Comentário: *Se é “literalmente”, que fio que salvou a Paula Fernandes?*

Porque a expressão “por um fio” já está dicionarizada (WEISZFLOG, 2023), pode se supor que o seu processamento ocorra, em princípio, de maneira automática e passe despercebida pela nossa atenção. A reação à postagem em (19), no entanto, parece insinuar outra coisa: o questionamento sobre “que fio que salvou” a artista em questão demonstra que alguns leitores da mensagem podem ter esbarrado na incongruência semântica entre, primeiro, o significado metafórico da expressão “por um fio” – que, nesse contexto, denotaria algo como “quase morrerá” – e, de outro, a insistência no seu sentido básico, através da coocorrência do advérbio “literalmente”. E o fato de o questionamento feito nesse comentário se estender, também, para o próprio advérbio – quando é perguntado “se é literalmente” – reforça a hipótese ventilada aqui.

Por fim, é importante se comentarem indicativos do papel de “literalmente” como recurso de ativação de metaforicidade em comentários que, em vez de apelarem a mecanismos de explicitação dos mapeamentos nas bases das metáforas, parecem denunciar de outra maneira algum processamento consciente das expressões metafóricas que integram as postagens. Em determinadas reações, de fato, são identificadas tentativas de se chamar a atenção dos – ou, até mesmo, de se censurarem os – autores dos textos quanto ao uso alegadamente incorreto daquele advérbio. É o que se observa, por exemplo, nos comentários em (20) a (22), a seguir.

(20) Postagem: *nova série mexicana da Netflix é erótica e tem roteiro literalmente quente*  
Comentário: *o que é um roteiro “literalmente” quente?*

(21) Postagem: *não podem falar do Marmita estraga que logo vem a vontade de dar saltos LITERALMENTE quânticos de alegria*  
Comentário: *O cara não sabe usar LITERALMENTE AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA*

(22) Postagem: *muito engraçado olhar foto antiga e pensar “meu deus eu nem imaginava oq estava por vir” esse meu último ano foi literalmente uma montanha russa*  
Comentário<sub>1</sub>: *Gente que não sabe usar literalmente me machuca a alma*  
Comentário<sub>2</sub>: *As pessoas teimam em usar a palavra “literalmente” onde não se deve usar*

Já deve estar claro, em princípio, que as expressões “quente”, “saltos quânticos” e “montanha russa”, em (20), (21) e (22), atualizam alguma metáfora conceptual – respectivamente, INTENSIDADE É CALOR, MAIS É PARA CIMA e A VIDA É UMA VIAGEM. No entanto, o que interessa para esta discussão, em particular, são as respostas à forma como elas são usadas nessas

postagens. Comentários como “o que é um roteiro ‘literalmente’ quente?”, “não sabe usar literalmente” e “teimam em usar a palavra ‘literalmente’ onde não se deve usar” sugerem a possibilidade de os leitores daqueles textos terem percebido alguma inconsistência semântica no uso daquele advérbio ao lado de eventos que não poderiam realmente acontecer, tais como um texto ser quente ou uma pessoa dar saltos quânticos. É isso, portanto, que permitiria se presumir que esses leitores teriam acessado, em alguma medida, o significado básico (ou literal) daquelas expressões – algo que serviria para reafirmar o papel de “literalmente” enquanto recurso de ativação de metaforicidade.

Além disso, ao declararem que quem criou as postagens “não sabe usar literalmente” ou insiste em usar “literalmente onde não se deve usar”, os autores dos comentários relativos às postagens em (20) a (22) parecem avaliar a coocorrência desse advérbio com expressões metafóricas como sendo resultado de um equívoco ou, ainda, de desconhecimento de alguma norma. No entanto, há quem (por exemplo, VEREZA, 2007) argumente que, em alguns casos, o uso de “literalmente” concomitantemente a expressões metafóricas resultaria antes da tentativa de se reforçar o significado expresso pela metáfora do de algum engano ou incorreção. A esse respeito, Gibbs (1994, p. 25, grifos no original) alega que “o advérbio ‘literalmente’ seria polissêmico, capaz de exprimir diversos sentidos”, e que “alguns desses sentidos passaria a ideia de que a proposição em questão deveria ser tomada no seu sentido mais enfático (como sendo uma hipérbole, e não ao pé da letra)”<sup>19</sup>.

### Considerações finais

Alinhando-se a um conjunto de trabalhos que investigam o funcionamento da metáfora no discurso (cf. SEMINO, 2008), este estudo se propôs a descrever e a analisar evidências da ativação da metaforicidade de expressões metafóricas em usos espontâneos da linguagem. Mais especificamente, ele se debruçou sobre o papel do advérbio “literalmente” enquanto um recurso chave para a desautomatização do processamento inconsciente de metáforas presentes em mídias sociais. Com base, sobretudo, nos conceitos de metáfora conceptual (LAKOFF, 1993), de metaforicidade (DIENSTBACH, 2017) e de desautomatização (KYRATZIS, 2003), a análise empreendida aqui procedeu, nesse sentido, à identificação, de um lado, de expressões metafóricas (STEEN et al., 2010) em um corpus de memes postados no Instagram, entre janeiro e agosto de 2022; e, de outro lado, de eventuais marcas de explicitação dos mapeamentos subjacentes a elas (STEEN, 2004) – quer fossem nas próprias postagens ou em comentários direcionados a elas.

Os primeiros resultados alcançados aqui mostram que grande parte dos usos de “literalmente” identificados no corpus deste estudo acompanha expressões não metafóricas. Apesar disso, deve se observar que algumas dessas postagens, em particular, recorrem a esse advérbio, na verdade, para reiterar o significado básico de expressões que, em circunstâncias triviais, poderiam ser mais tipicamente usadas com algum significado metafórico seu. Outros dois achados que interessam de maneira particular a esta discussão se referem, em primeiro lugar, à ocorrência formal de marcas de explicitação em comentários que reagem às metáforas presentes nos memes analisados aqui. Essas marcas correspondem, especificamente, a componentes relativos aos domínios-fonte que participam dos mapeamentos subjacentes àquelas expressões. O segundo achado é decorrente de comentários que apontam como sendo fruto de um equívoco a coocorrência, no interior de um mesmo enunciado, de expressões metafóricas e o advérbio “literalmente”.

Sendo assim, algo que esses resultados parecem insinuar se refere à possibilidade efetiva de desautomatização do processamento de expressões metafóricas em função de aspectos pertinentes

<sup>19</sup> [The term “literally” is polysemous, capable of expressing several senses. Some of these meanings (...) convey the idea that the proposition mentioned should be taken in the strongest admissible way (as hyperbole, not literally).]

aos discursos em que elas ocorrem, tal como explica Steen (2004). Pontualmente, destaca-se a interveniência de “literalmente” no acesso consciente a algo da estrutura semântica que sustenta as metáforas analisadas aqui – quer seja evocando elementos dos respectivos mapeamentos, quer seja denunciando uma suposta incoerência no uso desse advérbio. Uma ressalva que precisa ser feita a esse respeito, no entanto, é a de que, em muitas circunstâncias de uso da linguagem – quer seja metafórica ou não –, a recorrência ao advérbio “literalmente” seria impulsionada antes pelo esforço de se hiperbolizar essa linguagem do que por algum equívoco por parte dos seus falantes. É isso que defende, por exemplo, Vereza (2007, p. 25, grifos da autora), quando declara que há “exemplos em nossa língua e cultura, nos quais ‘literalmente’ remete a noções de intensidade”, ainda que, nos casos particulares que envolvem o uso de expressões metafóricas, “essa noção muitas vezes se choca com o sentido de *literal* como *ao pé da letra*”.

Seja como for, confia-se, em última análise, que os dados apresentados neste estudo poderiam concorrer, da forma como foram apresentados, como uma evidência empírica para corroborar o papel do advérbio “literalmente” enquanto um recurso de ativação de metaforicidade – concordando, dessa forma, com o que já suspeitavam Stibbe (1995), Kyratzis (2003), Müller (2008) e Dienstbach (2018). Além disso, argumenta-se que a análise empreendida aqui poderia contribuir, em alguma medida, para aprofundar o entendimento que se tem a respeito (de algum aspecto) do funcionamento das metáforas no discurso – mais especificamente, a respeito do processamento automático e inconsciente de expressões metafóricas, assim como da sua possível desautomatização, no curso da interlocução.

## Referências Bibliográficas

ALVES, Paulo. Bitcoin registra alta “saudável” e pode atingir de US\$ 100 mil a US\$ 245 mil. *InfoMoney*, São Paulo, 9 nov. 2021. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/mercados/bitcoin-registra-alta-saudavel-e-pode-atingir-de-us-100-mil-a-us-245-mil-apostam-especialistas/>. Acesso em: 28 abr. 2023.

BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada*: Almeida revista e corrigida. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica Brasileira, 2009. Disponível em: <https://www.bibliatodo.com/pt/a-biblia/versao/almeida-revista-e-corrigida>. Acesso em: 28 abr. 2023.

CAPANEMA, Rafael. Quinze pessoas que literalmente não sabem usar a palavra “literalmente”. *BuzzFeed Brasil*, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://buzzfeed.com.br/post/15-pessoas-que-literalmente-nao-sabem-usar-a-palavra-literalmente>. Acesso em: 28 abr. 2023.

CASTAÑO, Emilia; VERDAGUER, Isabel; LASO, Natalia; VENTURA, Aaron. Economy is a living organism: metaphorical expressions in a learner corpus of English. *Revista Española de Lingüística Aplicada*, v. 27, n. 2, p. 323-337, 2014.

DIENSTBACH, Dalby. Metaforicidade: um aspecto do gênero. *Fórum Lingüístico*, v. 14, n. 1, p. 1767-1778, 2017.

DIENSTBACH, Dalby. Por uma análise sistemática da metaforicidade no discurso. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 18, n. 2, p. 287-306, 2018.

EVANS, Vyvyan. *Cognitive linguistics: a complete guide*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2019.

GIBBS, Raymond. *The poetics of mind: figurative thought, language, and understanding*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

GIBBS, Raymond. Are “deliberate” metaphors really deliberate? A question of human consciousness and action. *Metaphor and the social world*, v. 1, n. 1, p. 26-52, 2011.

GRADY, Joseph. *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. 1999. Tese (Doutorado em Linguística). Departamento de Linguística, Universidade da Califórnia, Berkeley, 1997.

KYRATZIS, Sakis. Laughing metaphorically: metaphor and humour in discourse. In: INTERNATIONAL COGNITIVE LINGUISTICS CONFERENCE, 8, 2003, La Rioja. *Anais...* La Rioja, ES: Universidad de Logroño, 2003, p. 1-19.

LAKOFF, George. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, Andrew. (ed.). *Metaphor and thought*. 2. ed. Nova York: Cambridge University Press, 1993. p. 202-251.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago/Londres: The University of Chicago Press, 1980

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução: Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora. Campinas: Mercado de Letras/São Paulo: EDUC, 2002.

LAPOLA, Marcelo. Físico explica por que não faz sentido aplicar o termo “quântico” em tudo. *Galileu*, 2 fev. 2022. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2022/02/fisico-explica-por-que-nao-faz-sentido-aplicar-o-termo-quantico-em-tudo.html>. Acesso em: 28 abr. 2023.

LITTLEMORE, Jannette.; LOW, Graham. Metaphoric competence, second language learning, and communicative language ability. *Applied Linguistics*, v. 27, n. 2, p. 268–294, 2006.

MÜLLER, Cornelia. *Metaphors dead and alive, sleeping and awaking: a dynamic view*. Chicago, US: The University of Chicago Press, 2008.

PRAGGLEJAZ. PIM: um método para identificar palavras usadas metaforicamente no discurso. Tradução: Dalby Dienstbach. *Cadernos de Tradução* (UFRGS), n. 25, p. 77- 120, 2009,

RIBEIRO, Ivo. Votorantim busca crescer em novos negócios e em países de moeda forte. *Valor Econômico*, Rio de Janeiro, 6 abr. 2022. Disponível em: <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2022/04/06/votorantim-busca-crescer-em-novos-negocios-e-em-paises-de-moeda-forte.ghtml>. Acesso em 28 abr. 2023.

SAGAN, Carl. *O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro*. Tradução: Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SEMINO, Elena. *Metaphor in discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008

SHIFMAN, Limor. *Memes in digital culture*. Cambridge: The MIT Press, 2014.

SØRENSEN, Jesper. Theosophy: metaphors of the subject. *Temenos*, v. 36, p. 225-248, 2000.

STEEN, Gerard. Metaphor in Bob Dylan's "Hurricane": genre, language, and style. In: SEMINO, Elena; CULPEPER, Jonathan. (eds.). *Cognitive stylistics: language and cognition in text analysis*. Amsterdam: John Benjamins, 2002.

STEEN, Gerard. Can discourse properties of metaphor affect metaphor recognition. *Journal of Pragmatics*, v. 36, n. 7, p. 1295-1313, 2004.

STEEN, Gerard; DORST, Aletta; HERRMANN, Benerike; KAAL, Anna; KRENNMAYR, Tina; PASMA, T. *A method for linguistic metaphor identification: from MIP to MIPVU*. Amsterdam: John Benjamins, 2010.

STIBBE, Arran. *Metaphor and alternative conceptions of illness*. 1995. 313 f. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Artes e Ciências Sociais, Universidade de Lancaster, Lancaster, UK, 1995.

SZWEDEK, Aleksander. The ultimate source domain. *Review of Cognitive Linguistics*, v. 9, n. 2, p. 341-366, 2011.

VEREZA, Solange. *Literalmente falando: sentido literal e metáfora na metalinguagem*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2007.

WEISZFLOG, Walter. (ed.). *Michaelis dicionário brasileiro de língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 2023. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>. Acesso em: 28 abr. 2023.

ZINETS, Natalia. Zelensky diz que a guerra está matando a economia da Ucrânia: em coma. *UOL*, São paulo, 3 ago. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2022/08/03/zelenskiy-minimiza-primeiro-embarque-de-graos-e-cita-economia-ucraniana-em-coma.htm>. Acesso em: 28 abr. 2023.

Submetido em 29/06/2023

Aceito em 29/11/2023